

## **Festividades: representações simbólicas no turismo brasileiro**

### **Festivities: symbolic representations in brazilian tourism**

Maisa França Teixeira (TEIXEIRA, M. F.)<sup>\*</sup>

Salete Kozel Teixeira (TEIXEIRA, S. K.)<sup>\*\*</sup>

**RESUMO** - A Catira, as Folias e as Festas de Boi são autênticas festividades, sendo algumas das manifestações mais ricas do folclore brasileiro, compostas por representações da alegria, criatividade e principalmente da arte do povo. Existe então, uma dinâmica sócio-espacial percebida pela inter-relação entre cultura-identidade-turismo, dado que essa associação permite a um grupo social identificar-se ou distinguir-se dos demais, mediante suas caracterizações culturais advindas de uma cultura em um local turístico. A metodologia utilizada foi a consulta a uma ampla bibliografia que baliza os temas propostos. Foi possível verificar por meio das festividades a criação de um sentimento de pertencimento ao espaço em que se vive, e tal enraizamento cria territorialidades culturais, simbolizadas e também turistificadas.

Palavras chaves: Festividades; Catira; Folias; Festas de Boi; Turismo.

**ABSTRACT** – The Catira, Folias and Festas de Boi are authentic festivities, being some of the richest manifestations of brazilian folklore, composed by representations of happiness, creativity and especially by the art of the people. There is a socio-spatial dynamics perceived by the inter-relationship between culture-identity-tourism, since this association enables a social group to identify or distinguish from the others, through their cultural characterizations arising from the culture in a tourist local. The methodology was to consult a wide bibliography that marked out the proposed themes. It was verified through the festivities the creation of a space belonging sense in these places, establishing cultural territorialities, symbolized and touristified.

Key words: Festivities; Catira; Folias; Festas de Boi; Tourism.

---

\* Formação: Graduação em Planejamento Turístico (CEFET-GO), Mestrado em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG), Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora Substituta da Universidade Estadual de Goiás. Endereço físico para correspondência: Rua Egerineu Teixeira, n. 195 (Bairro Jundiá). CEP: 75110-240 – Anápolis – Goiás (Brasil). Telefone: (62) 8262-8461. E-mail: maisafranca@bol.com.br.

\*\* Formação: Graduação em Geografia pela Faculdade Estadual de Educação Ciências e Letras de Paranavaí, Mestrado em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP), Doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-Doutorado em Geografia (IESA/LABOTER – Universidade Federal de Goiás). Atividade Profissional: Professora Adjunto 4 da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Endereço físico para correspondência: Rua José Antônio Leprevost, 1515, sobrado 01 (Bairro Santa Cândida). CEP: 82640-070 – Curitiba – Paraná (Brasil). Telefone para contato: (41) 9942-2831. E-mail: skozel@ufpr.br.

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo primordial de todo conhecimento pode ser o de compreender o mundo e fundamentar ações para sua manutenção e preservação. Assim espera-se que este estudo, sem nenhuma pretensão de dar respostas prontas e acabadas possa promover questionamentos além, de apontar algumas proposições que venham a contribuir para ampliar o debate, sobre a importância das festividades brasileiras, em especial, a Catira, as Folias de Reis e as Festas de Boi como megaeventos. Com este estudo busca-se promover a construção de reflexões acerca dos processos que evidenciam a formação de territórios e paisagens relacionadas às práticas culturais de grupos festivos e suas associações com a atividade turística.

De acordo com Hall (1997) as práticas culturais se efetivam e se materializam no espaço a partir de uma rede de relações imbricadas que envolvem a memória, os costumes e os valores vivenciados por sujeitos sociais. Destas relações é possível aprender formas e conteúdos que são resultantes de um intenso processo de territorialização dos elementos que compõem os patrimônios materiais e imateriais dos grupos socioculturais envolvidos.

As representações culturais são uma das formas encontradas pelos promotores das festas de expandir seus territórios. É por meio dessa cultura que delimitam o sagrado, o profano, criam identidades e formam paisagens. A população cria signos, simbolismos e representações da identidade festiva, que se materializam e formam as territorialidades. Abreu Silva e Costa Silva (2009, p. 128) contribuem ao afirmar que a “relação entre o significado e o significante, abre uma possibilidade inovadora de perceber o signo”.

Assim, inserem-se na abordagem da geografia cultural, sobretudo numa perspectiva que valoriza a dimensão simbólica, cultural e turística de práticas espaciais, e ainda promovem a análise da produção do território pelas manifestações culturais. Ao refletir sobre a Catira, a Folia de Reis e as Festas do Boi no âmbito da geografia cultural nesta perspectiva apontada, se questiona como tais Festividades originam a formação de signos, simbolismos e representações no Brasil. Daí emergem as seguintes questões: Qual o conceito de Festa que enfatiza a formação de uma paisagem das Festas da Catira, da Folia e do Boi? Como identificar as bases que garantem a presença de signos,

simbolismos e representações dessas Festividades? Quais as espacialidades das Festas e como elas se originam no espaço brasileiro? Quais as suas formas de expansão, distribuição e construção de territorialidades? Qual a relação entre Festas, Representações e Turismo? Pode-se interligar as festividades com os megaeventos?

Estes questionamentos levam a pensar sobre a problemática central do estudo, que é investigar a existência de signos, simbolismos e representações vinculadas à atividade turística criadas pelos eventos, em especial, da Festa da Catira, de Folia de Reis e dos Boi no Brasil. O argumento central para o questionamento se encontra nas formas de como essas festas são vividas, sentidas, repassadas, simbolizadas e representadas nos eventos festivos.

Entre as principais questões levantadas nesta reflexão estão às de bens culturais resistentes, por meio da análise da cultura popular, de sua tradição, bem como o seu papel na formação cultural-identitária estudada por meio do resgate de valores culturais, sociais e turísticos. Os questionamentos que balizaram a pesquisa foram: Como a Catira, a Folia e o Boi podem ser pensados como eventos em suas configurações no marco de sua tradição para fins religiosos e turísticos?

Os eventos com manifestações culturais recebem forças caracterizadas pela nova reflexão sobre o espaço humano e seus aspectos; discutindo o diferente, a cultura, as particularidades e os modos de vida; que ganham valorização e representação dos indivíduos nas atividades turísticas.

Os eventos festivos se espalham por todo o território brasileiro. Essa pluralidade promove o incremento de ações públicas e privadas que buscam valorizar e potencializar esse conjunto que forma a cultura brasileira. As festas do Boi, por exemplo, ganham expressividade pois representam uma cultura singular com ritos, cores e batuques. Vale ressaltar que passam a ser foco de estudos na área da geografia cultural.

Assim, tem-se a importância da contribuição de autores como Amaral (1998), Bakhtin (1996), DaMatta (1997), Del Priori (1994), Di Méo (2001), Duvignaud (1983) que retratam a importância das festas como acontecimentos únicos.

Como apoio para temas como cultura, o saber, os símbolos e principalmente as identidades culturais e suas manifestações e representações, destacam-se os autores, Almeida (2011), Tinhorão (2000), Holanda (1975), Hall (2003), Foulcault (1987),

Certeau (1995), Canclini (2000), entre outros, que contribuíram para o objetivo principal do estudo.

A utilização das metodologias qualitativas pelas ciências sociais tem uma grande diversidade de posturas teóricas de suporte e de métodos e técnicas que delas decorrem. Ademais, vale ressaltar que após a descrição do referencial teórico proposto e a metodologia apontada, destaca-se a necessidade de uma abordagem multidisciplinar. A busca por fontes teórico-conceituais de outras áreas de conhecimento enriquecerá o estudo acerca da análise dos signos, representações, simbolismos, territórios, territorialidades e das paisagens festivas vinculadas ao Turismo da Catira, da Folia de Reis e dos Bois.

## **2 AS FESTIVIDADES BRASILEIRAS: A CATIRA**

A dança da catira abriga, em seus ritmos, formas tradicionais com técnicas formalizadas, visíveis nos passos ritmados e traduzidos pelos ensinamentos dos mais velhos. Em Goiás, de acordo com Teixeira (2012) essas danças estão presentes na vida de algumas pessoas, cada uma em seu território; são expressões legítimas de vida e alma, de fé e de ensinamento, infundidas na identidade de quem dança a catira.

Em geral, as danças possuem, como um de seus elementos marcantes, a técnica e a expressividade, sendo que a primeira se faz necessária para explorarem-se os elementos da dança. Muller (2001) discerne a técnica da dança como algo abstrato, subjetivo, presente em um sistema de significações.

Nos escritos de Araújo (2004, p. 133), a catira é descrita como o

[...] bate-pé, racha-pé, cateretê, cateretê mineiro, fandango considerado como dança especial são tão semelhantes entre si, que não passam de uma variedade da mesma dança. A diferença pode estar na velocidade com que os pés batem no chão, tal como o sapateado tatuiano, que é ligeiro como quê!

A catira insere-se nas danças populares do povo brasileiro sendo que a variedade delas demonstra que as tradições e a cultura de uma localidade, muitas vezes, estão ligadas, além do aspecto religioso, aos aspectos social, econômico e cultural, fato similar à chegada da catira no território brasileiro. Teixeira (2012) ressalta que a ocasião

de participar de uma romaria ou de uma folia conecta-se às atividades ritualísticas do catireiro, entretanto, para ele, o momento da dança da catira sucede no ato de rompimento, de interrupção do momento religioso.

A dança é ritualística não-sagrada, de exposição e apresentação de culturas regionais. Para Giffoni (1973), como supramencionado, tem-se conhecimento da catira desde o tempo do Brasil Colônia, todavia as primeiras alusões à sua coreografia datam do século XIX. Araújo (2004) relata a existência de grupos de catira nos anos de 1750, 1777 e 1829.

A dança tornou-se bastante popular e difundida em cidades do interior brasileiro. Araújo (2004) menciona que a dança é notoriamente presente em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul (na região campeira) e Santa Catarina. Giffoni (1973) acrescenta o que hoje corresponde aos estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Tocantins, a zona de Sergipe, estendendo-se à Bahia, Pará e Amazonas.

Em cada localidade, onde ocorre a manifestação da catira, existem diferenciações em termos de estilo, formação do grupo, ritmos e cantos, que são notadamente vistas pelos passos, palmas e sapateados que divergem de acordo com o local, conform Teixeira (2012). A autora ainda retrata que em alguns lugares, os ritmos são mais fortes; em outros, mais lentos, sendo que essa espacialização da dança permite afirmar que a catira é um componente cultural que se territorializa no Brasil de forma a existirem várias identidades catiranas.

Para a mesma autora, outro destaque dá-se pelo estilo *country*, que já ganha visibilidade em meio à dança tradicional no País, visto que o estilo do caipira perde terreno em algumas regiões e ressignifica-se frente à contemporaneidade, com novas formas de expressões corporais, foco dos grandes eventos atualmente.

### **3 AS FESTIVIDADES BRASILEIRAS: A FOLIA DE REIS**

A Folia de Reis é uma manifestação religiosa encontrada, segundo Pessoa e Felix (2007), no norte de Minas Gerais e do Espírito Santo, em São Paulo, no Rio de Janeiro, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Bahia e Paraná. Ao rememorar seu sentido histórico, os autores julgam necessário evocar a relação bíblica

que faz alusão à presença de reis no ato do nascimento de Jesus, o Cristo. Para muitos, essas manifestações consistem em um relato da jornada dos reis magos (Gaspar, Baltazar e Melquior), que viajaram do Oriente a Belém a fim de presentear e serem abençoados pelo Rei dos Judeus<sup>1</sup>. Almeida (2011, p. 2) assevera que “a festa testemunha as crenças coletivas, as representações do sagrado, próprias de uma comunidade ou da maioria de seus membros”.

Pessoa e Felix (2007) retratam a Folia como constituinte de “giros” que são divididos em três partes. A primeira consiste na saída da peregrinação/jornadas quando os grupos efetuam cantorias e rezas agradecendo ao “santo da bandeira”, sendo a oportunidade de demonstrarem sua devoção e pedirem proteção para que consigam cumprir a “missão” de realizarem o “giro” até a entrega. A segunda parte consta do “giro” propriamente dito quando os foliões saem de casa em casa, cantam, rezam e pedem esmola para a realização da festa de entrega<sup>2</sup>. A terceira, conhecida como “chegada ou remate”, forma-se, de acordo com o mesmo autor (p. 204), das seguintes etapas: “chegada do arco, a cantoria saúda o arco; reza do terço; janta dos foliões; baile ou catira e o descanso dos foliões”. Pessoa e Felix (2007) ressaltam que durante o “giro”, seguem-se os “pousos de folia”, que são jantares oferecidos pelos devotos. Após essas refeições, os pousos ganham outra animação: a apresentação da dança da catira quando os foliões dançam com alegria e diversão, animando a festa e “criando” uma nova festa por meio de músicas e danças. Canesin e Silva (1983, p. 68) registram que, “se o pouso está movimentado com a presença de amigos e vizinhos do morador, os foliões amanhecem dançando catira e forró”.

A respeito das folias, associa-se também a catira que segundo Teixeira (2012) está vinculada aos grupos que são formados aleatoriamente pelos próprios foliões dançadores da catira ou, até mesmo, por grupos que fazem apresentações externas.

A autora retrata em seu trabalho que cabe ressaltar que, mesmo ainda de uma maneira incipiente, o turismo tem dado impulso para que as apresentações das folias, como as de catira, aconteçam fora do seu contexto tradicional. Mota (2011) argumenta que as Folias de Reis revelam, na cultura urbana, “traços” de identidade rural, como as

---

<sup>1</sup> Aqui essa referência tem um caráter eminentemente religioso-cristão.

<sup>2</sup> De acordo com Mota (2011), na festa da entrega, é coroado, ou seja, escolhido o novo festeiro para o próximo ano. Vale ressaltar que a autora ainda assinala que tanto os foliões quanto os festeiros obedecem às normas e às hierarquias.

comidas tradicionais rurais, revelando a continuidade por via da tradição nas festas de Folias de Reis.

#### **4 AS FESTIVIDADES BRASILEIRAS: A FESTA DO BOI**

O espetáculo festivo do Boi refere-se à união de elementos da cultura europeia, africana e indígena em que o boi é a principal figura de representação simbólica da manifestação festiva. Dentre alguns símbolos, tem-se a música como um grande elemento da festividade, sendo esse um instrumento de sentimentos, lembranças e memórias. As toadas na festa do boi contemplam a beleza e a diversidade do gosto popular brasileiro em que as melodias e letras vinculam-se as emoções no espaço, promovendo então, uma relação da comunidade com as identidades entre os brincantes e outros personagens.

As espacialidades e a construção das territorialidades da festa de boi se diversificam nacionalmente, tais como a festa do boi-bumbá, do boi-mamão, do boi-à-serra entre outras. A multiplicidade dessas festas se caracteriza ora por dimensões religiosas e ora por dimensões folclóricas. Destaque se dá pela distinta representação do boi em cada localidade. Acredita-se ainda que os estados de Rondônia, Maranhão, Paraná e Mato Grosso são ricos em manifestações culturais e deduz-se que no campo festivo esse fenômeno também é verdadeiro.

Em Rondônia, o “Duelo da Fronteira” é a festa do boi realizada no Festival Folclórico de Guajara-Mirim. O nome da festividade refere-se a fronteira da Bolívia com o Brasil. Assemelhando-se a Festa de Parintins, o Duelo da Fronteira também é composto por disputa de duas agremiações, o boi Flor do Campo e o Malhadinho. De acordo com Furlanetto e Filizola (2012, p. 60):

O “Duelo na Fronteira” exprime, com força crescente, os sentidos que os sujeitos atribuem à sua relação com o espaço amazônico, sua cultura e seus componentes paisagísticos. Seja por meio das toadas, das indumentárias, das alegorias e das encenações, tanto a história de Guajará-Mirim e de Rondônia, como as lendas e os contos amazônicos, revelam que a cultura desempenha um papel na estruturação do espaço local e na formação identitária dos sujeitos.

De acordo com os autores, a festa demonstra as características do espaço amazônico, suas culturas e também os símbolos presentes nas festividades, como é o caso das encenações, nas indumentárias, nas alegorias e até mesmo nas toadas, como relacionado acima. Eles ainda complementam ao dizer que a festa teve sua origem em 1995 e além de sua proximidade com Parintins já relacionado, nota-se também a proximidade com a brincadeira no nordeste brasileiro.

A cidade de Guajará-Mirim possui atualmente um bumbódromo, local este que se pode destacar como sendo difusor da espetacularização turística da festa. Essa é marcada pela história da cidade, sua cultura, suas lendas e contos que reparam o espaço turístico festivo da fronteira.

Na região sul do Brasil, tem-se o Boi-de-mamão, caracterizado por uma brincadeira de diversão composta por vários grupos de boi. A festa é considerada uma atração turística. De acordo com Furlanetto e Kozel (2011):

Os personagens, as narrativas, as indumentárias, os instrumentos, o ritmo, a coreografia, as relações sociais, as espacialidades dos grupos, enfim, toda a riqueza do folguedo do boi parece cantar os atributos culturais locais, como temas de uma partitura musical, despertando múltiplas interpretações. É interessante apontar que o enredo e os personagens do folguedo — o boi, o nanico, o fazendeiro, o médico, a enfermeira, o palhaço, a rainha e o toureiro — seguem a tradição instituída em 1920, e a narrativa do boi que morre porque estava comendo a plantação de outro fazendeiro.

As autoras (p. 10) ainda ressaltam que “apesar das apresentações ritualísticas reafirmarem o mito, e da presença de alguns elementos referentes à religiosidade no boi-de-mamão, percebeu-se a ênfase dos aspectos cômicos em detrimento da dimensão sagrada”.

No Paraná, o boi ainda detém pouca visibilidade, haja vista que segundo as autoras acima, os migrantes de Santa Catarina trouxeram a brincadeira do folguedo do boi para o Estado.

O Boi-à-serra em Mato Grosso, especialmente em Santo Antônio de Leverger/MT é uma festividade cujo folguedo é variante de outros estados brasileiros. Os grupos promovem exposições únicas e conjuntamente com outras manifestações da cultura local, como é o caso do Cururu e do Siriri.

Grando (2002), em *Cultura e dança em Mato Grosso*, destaca a diversidade festiva do estado de Mato Grosso, como exemplo a Folia de Reis, São Gonçalo e as festas em geral.

A música também está presente na festividade, conforme ressalta Teixeira (2012, p. 85):

[...] a música é um grande elemento da festividade do Boi-à-Serra, sendo um instrumento de sentimentos, lembranças e memórias. As toadas na festa do boi contemplam a beleza e a diversidade do gosto popular brasileiro em que as melodias e letras vinculam-se as emoções no espaço, promovendo então, uma relação da comunidade com as identidades entre os brincantes e outros personagens.

Loureiro (2006) relata a ocorrência do boi-à-serra em 1900, em Rosário Oeste, nos escritos de Max Schmidt, e em outras cidades do Vale do Rio Cuiabá. Assis (1982) complementa ao relatar que o boi-à-serra foi um folguedo bastante difundido no Mato Grosso, mormente na região do Rio-Abaixo, onde os engenhos eram a atividade econômica predominante. Loureiro (2006) acrescenta que a dança do boi-à-serra consegue, ainda hoje, manter suas características originais na localidade de Varginha, no município de Santo Antônio do Leverger.

No estado do Maranhão, o bumba-meu-boi é característico dos festejos juninos, todavia, a brincadeira do boi é realizada durante todo o ano, excluindo somente a Paixão de Cristo, época da quaresma. O destaque do estado se dá pelos sotaques, como é o caso do Sotaque de Matraca, da Biaxada, o de Orquestra e o Costa de Mão.

O Sotaque de Matraca na Ilha de São Luiz utiliza as matracas, o Sotaque da Baixada é cadenciado e os instrumentos são os pandeiros e as matracas. O boi de Orquestra possui instrumentos de sopro ou metais na apresentação, além de cordas. O Sotaque Costa de Mão, da região de Cururupu, contém pequenos pandeiros tocados por via das costas das mãos.

Em relação a história difusora do folguedo ou da brincadeira do boi corresponde a lenda de que Mãe Catirina estava grávida e desejava comer a língua do boi mais guerreiro da fazenda. Pai Francisco, marido de Catirina, conseguiu realizar o desejo da mulher. Após isso, o amo da fazenda descobriu o crime e passou a ameaçar Pai Francisco caso o boi não voltasse à vida. O pajé e sua tribo fizeram com que o boi renascesse, então se iniciou a festa, composta por música, dança, teatro e outras

linguagens artísticas. Para muitos, é na região do nordeste brasileiro que se iniciou as outras festividades de bois no Brasil.

## **5 IDENTIDADES CULTURAIS E TERRITÓRIOS SIMBÓLICOS E TURÍSTICOS: A ESPETACULARIZAÇÃO DA PAISAGEM FESTIVA NO BRASIL**

Dentro das manifestações culturais estudadas, as festas ganham destaque, uma vez que se encontram presentes em todo o território brasileiro, sendo o estudo das mesmas e suas práticas sociais importantes para a compreensão da distribuição e organização dessas culturas nos espaços concebidos e vividos espaços que delas se apropriam. As culturas estabelecem paisagens, organizam territórios, determinam através de signos e representações as territorialidades.

Os signos são destacados por Abreu Silva e Costa Silva (2009, p. 127) como construídos por intermédio das imagens, dos sons, das formas, dos odores e dos sabores. Para os autores o caráter significativo dos signos “prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado”.

Em termos conceituais o símbolo revela certos aspectos da realidade. Segundo Eliade (2008), os símbolos são demarcados no território promovendo a constituição de uma identidade territorial que passa a ser também uma identidade social, numa relação dialógica entre a realidade e o conjunto das representações (simbolismos dessa própria realidade).

O estudo geográfico cultural atual enfatiza a importância de averiguar as comunidades, suas representações, habilidades, criatividade na produção dos seus costumes, valores, crenças e tradições baseadas na cultura de um local. Para Almeida (2011) a identidade cultural possui componentes que formam um todo integrado, inter-relacionando a língua, a história, o território, os símbolos, as leis, os valores e as crenças e os elementos tangíveis, incluindo a tecnologia, edificações, materializações da visão de mundo de uma dada sociedade.

Quando se propõe a estudar as festividades da Catira, da Folia de Reis e do Boi como formadoras de paisagens e territórios de megaeventos o primeiro pensamento que

vem em mente é que a realidade cultural de cada povo, seus hábitos e costumes são construções de sua história. Esta proposta permite compreender as marcas que os eventos festivos e seus signos produzem nas paisagens e território brasileiro.

Desse modo a reflexão nesta ordem de eventos, as categorias geográficas de Território e Paisagem mediam a construção teórica do estudo sobre a identificação de um território cultural por meio das representações festivas. A geografia cultural permite fazer uma “análise da maneira pela qual cada um recebe uma bagagem de conhecimentos e de atitudes, enriquece-a com a sua experiência, e a interioriza tentando assegurar sua coerência” (CLAVAL 2008, p. 88).

Tem-se que reconhecer a indissociabilidade da experiência vivenciada pelos indivíduos com a vida comunitária, cuja compreensão permite avançar nas questões mais complexas das identidades territoriais, como aponta Claval (2008).

Haesbaert (2006) ressalta que um território por ser um estado político e econômico, ele é considerado e deve ser valorizado como dimensão cultural, identitária relacionada à diversidade cultural. Para ele, o espaço atual é constituído por histórias, religiões, significados, símbolos e laços identitários de pertencimento, ou seja, constitui uma rede de elementos simbólicos representados pelos sujeitos, por meio, de suas concepções de vida.

Para Claval (2008) a cultura associada a um território dá ao grupo social uma unidade, assim, o papel relevante que se tem na construção de identidades coletivas em um território. Pode-se afirmar que a identidade dos grupos festivos é construída pela sua tradição popular, seus saberes, modo de ver, crer e valorizar a vida que são as dimensões simbólicas e significativas para o sujeito.

Para Almeida (2011) no caso das festas, elas delimitam um espaço social, realizam-se na existência de uma identidade territorial construída na singularidade dos grupos sociais que territorializam, mediante o uso, os lugares.

Associando o território, a paisagem e a cultura, nota-se a reconstrução das diferentes relações sociais vistas pelos modos de vida presentes nos territórios que são dinâmicos em virtude das práticas socioculturais, religiosas e econômicas; essas dinâmicas territoriais reúnem as representações culturais, como é o caso das Festas de Boi, com temporalidades diferentes.

Segundo Brandão (1989), as festas estão intimamente relacionadas às únicas, raras e repetidas situações da vida, permitindo assim, o conhecimento de variados universos de festas populares transformadas em “uma fala, uma memória e uma mensagem” (p. 8).

Tinhorão (2000) versa em seus estudos acerca da ocorrência das festividades no Brasil desde as atividades dos portugueses e dos indígenas. Nesse momento, vale ressaltar que as festas ligadas às religiosidades, tais como missas, procissões, romarias, delimitavam a natureza e a história brasileira.

Amaral (1998, p. 52) trata da necessidade das festas para a vida social dos indivíduos. Acerca do divertimento e da descontração do dia a dia, a autora observa que “são coisas sérias e podem ser entendidas até mesmo como segunda finalidade do trabalho, vindo logo após a necessidade de sobrevivência”. Em seu estudo, Amaral (1998) classifica as festas em geral como sendo compostas de diversos elementos, assinalando-as como mediação cultural, organização política local e promoção turística.

As atividades turísticas vinculadas às festividades brasileiras se desenvolvem especialmente pela espetacularização das mesmas, a saber, a Festa de Parintins, a Festa de Boi de Barretos, dentre outros. Em seus estudos sobre festividades, Perez (2002, p. 17-18) discorre que as festas são uma “efervescência coletiva”, um “fenômeno gerador de imagens multiformes da vida coletiva” e “não é somente boa para dela se participar, é também boa para pensar os fundamentos do vínculo coletivo, o que faz sociedade”, salientando ainda a relação sagrado-profano ao comentar que “pouco importa se é festa religiosa ou profana, o que vale é que ela é o espaço privilegiado de reunião das diferenças”. Enfim, consoante à autora, as festas são o agrupamento massivo, a sociabilidade e a efervescência e conseqüentemente a própria espetacularização.

Ao conceituar as festas e ao analisar o território festeiro, nota-se que as festas estão intimamente ligadas à sociedade tanto na forma social, quanto na de lazer, integrando-se à vida de uma população a um possível “espetáculo festivo”.

O festejar da Catira não adere ao contexto oficial de promulgação cultural no âmbito dos estados brasileiros, visando um vetor mediático-sustentável com aporte tecnológico. Há divulgação dos grupos existentes nos municípios apesar de a dança ser pouco expressiva em relação às outras manifestações que recebem patrocínio e incentivo dos setores públicos e privados, como por exemplo, os Irmãos Florianos em

Anápolis – Goiás. Dessa constatação, apesar de se notar a presença espetacularizada da dança, surgem necessidades e preocupações dos brincantes acerca de como inserir a festa da catira nas práticas culturais das unidades federativas. As danças tradicionais como a catira são formas de expressão da cultura, em que cada grupo promove um festejar diferenciado, criando suas identidades individuais e coletivas.

A Folia de Reis presente nas Festas de Reis de dezembro a janeiro nos estados brasileiros, já está presente também como forma de espetáculo, nos festivais, encontros distantes da data festiva da manifestação, os grupos se reúnem para apresentações que ocorrem em palcos ou até mesmo em espaços diversificados dos originais, tornando-se assim, uma manifestação espetacularizada, a saber, o Encontro de Folia de Reis que ocorre anualmente na cidade de Goiânia.

As Festas do Boi ganham destaque em todo território brasileiro, em especial, pela Festa do Boi-Bumbá de Parintins (Amazonas) e suas vinculações com a mídia e suas respectivas divulgações em todo território nacional, outros segmentos da mesma festividade, como a Festa do Boi-à-Serra no centro-oeste do país, relacionada anteriormente, não possui a mesma visibilidade que a primeira e em certos momentos não é nem inserida nas festividades dos bois no Brasil.

## **6 A TÍTULO DE CONCLUSÃO**

Por meio da leitura bibliográfica específica pode-se constatar a preocupação dos autores em difundir e valorizar a linguagem cultural e a criação de identidades a partir da cultura, em específico, das manifestações culturais como eventos tradicionais. Desta feita, destaca-se também a espetacularização como um meio de divulgar e em certo modo, reestruturar as manifestações analisadas, como é o caso das Festas da Catira, Folia de Reis e dos Bois no Brasil.

As festividades possuem diversidades e inúmeras modificações de uma localidade a outra no Brasil, narrativas diversas marcam os personagens, o enredo, a música, a forma e também o conteúdo das apresentações das Festas comentadas.

Os grupos representativos espaciais/simbólicos existentes são os responsáveis por manter a tradição das manifestações, fazendo com que se mantenham e transmitam alegria para os locais de apresentação.

Consideradas um importante patrimônio imaterial para os participantes e para os admiradores, as Festas da Catira, de Folia de Reis e do Boi são apreciadas para que todos tenham acesso a universos diversos, diferentes do seu cotidiano. Assim, a luta pela sua sobrevivência e conservação se faz necessária e totalmente importante, dentre elas se coloca necessário o envolvimento do turismo conjuntamente com essas manifestações.

Assim, estas possam ser continuadas e mantidas por meio de um trabalho integrado e difusor. Com o intuito de preservar e difundir as manifestações que constituem um dos saberes mais tradicionais dos antepassados brasileiros, em específico, as Festas da Catira, a Folia de Reis e a Festa do Boi.

Essas festividades representam singularidades diversas de norte a sul do país. Assim, elas compõem-se de representações festivas diversas, constituídas por símbolos e simbolismos que revelam atributos específicos associados à relação espaço e representação.

Enfim, as festividades estão impregnadas na vida da população, cada uma em seu território; são legítimas expressões de vida e alma de cada indivíduo. O sentimento de se buscar um pertencimento ao espaço em que se vive, de idealizar o espaço para as práticas sociais, culturais e turísticas, bem como, o enraizamento, propicia a esses espaços o caráter de território, em que se criam territorialidades culturais, simbolizadas e turistificadas por eventos festivos tradicionais, dentre eles estão, Catira, Folia de Reis e Festas dos Bois.

## 7 REFERÊNCIAS

ABREU SILVA, G. H.; COSTA SILVA, J. A música dos bois-bumbás: um forte elemento na caracterização do lugar parintinense. In: KOZEL, S.; SILVA, J.; FILIZOLA, R.; GIL FILHO, S. F. (org.). **Expedição amazônica**: desvendando espaços e representações dos festejos em comunidades amazônicas. “A festa do boi-bumbá: um ato de fé”. Curitiba: SK Ed., 2009, p. 97-167.

ALMEIDA, M. G. de. Festas rurais e turismo em territórios emergentes. In: **Biblio 3W**. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, V. XV, n. 918, 15 de abril de 2011. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-919.htm>>. [ISSN 1138-9796].

AMARAL, R. de C. **Festa à Brasileira**: Significado do festejar, no país que “não é sério”. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) - Dep. de Antropologia da FFLCH/USP, 1998.

ARAÚJO, A. M. **Folclore Nacional**. V.II São Paulo: Melhoramentos, 2004.

ASSIS, E. de. **Boi-à-Serra**: um folguedo em Mato Grosso. Fundação Universidade Federal de Mato Grosso. Centro de Letras e Ciências Humanas. Cuiabá, 1982.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

BRANDÃO, C. R. **A cultura na rua**. Campinas: Editora Papyrus, 1989.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2000.

CANESIN, M. T; SILVA, T. C. **A Folia de Reis de Jaraguá**. Goiânia, Centro de Estudos da Cultura Popular, 1983.

CERTEAU, M. de. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CLAVAL, P. **Geografia Cultural**. 3 ed. Santa Catarina: UFSC, 2008.

DaMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEL PRIORE, M. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

DI MÉO, G. **La Geographie en fêtes**. Paris. Editora Ophrys, 2001. p. 100-250

DUVIGNAUD, J. **Festas e Civilizações**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, M. **O conhecimento sagrado de todas as eras**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Mercuryo, 2008.

FOULCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio e Janeiro: Forense Universitária, 1987.

FURLANETTO, B. H.; FILIZOLA, R. Religiosidade e Espacialidades no Folguedo do Boi: uma festa com variações locais. In: **Relegens Thréskeia**: estudos e pesquisa em religião. V. 1, n. 1, 2012.

FURLANETTO, B. H.; KOZEL, S. Paisagem sonora do boi-de-mamão no litoral paranaense: religiosidade em arte cômica. IV COLÓQUIO NACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇO E REPRESENTAÇÕES (NEER). **Anais...** Universidade de Santa Maria, 2011.

GIFFONI, M. A. C. **Danças folclóricas brasileiras e suas aplicações educativas**. 3. ed. São Paulo/Brasília, 1973.

GRANDO, B. S. **Cultura e dança em Mato Grosso**. Cuiabá: Central de texto, 2002.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HALL, S. **Identidades culturais na pósmodernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 1997.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG/Brasília: UNESCO, 2003.

HOLANDA, S. B de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Ed. 1975.

LOUREIRO, R. **Cultura Mato-grossense**: Festas de Santos e outras tradições. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2006.

MOTA, R. D. **Senhor dono da casa, se não for muito custoso, vem abrir a vossa porta que nós viemos de pouso**: as territorialidades produzidas pelos Grupos das Folias de Reis em Goiânia. 220 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

MULLER, M. J. **Merleau-Ponty**: acerca da expressão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

PEREZ, L. F. Antropologia das efervescências coletivas. Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – Por uma antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, M. (Org.). **A festa na vida**: significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.

PESSOA, J. M.; FELIX, M. **As viagens dos Reis Magos**. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

TEIXEIRA, M. F. **Espaços e territorialidades do “festejar” da Catira no estado de Goiás**. 169 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

TINHORÃO, J. R. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

Recebido em: 12-11-2013.

Aprovado em: 12-12-2013.